

Marta Nunes da Costa
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

A presente edição começa com o artigo de Delamar José Volpato Dutra, intitulado “A constituição brasileira e a crise da democracia”. Neste texto o autor defende que o constitucionalismo brasileiro tomou um viés mais jurídico-liberal do que propriamente democrático. Para defender a sua tese o autor mostra como o seu diagnóstico, embasado num diálogo com Neumann, Habermas e outros autores, está de acordo com o papel desempenhado pelo Supremo Tribunal Federal no cenário político brasileiro contemporâneo.

Jordan Michel-Muniz assina o artigo “Povo Impopular”. Neste trabalho o autor traz a superfície as tensões não resolvidas (ou irresolúveis) explícitas no conceito de ‘povo’ e associadas às suas instanciações práticas. A partir de uma provocação lançada pelo próprio título, Michel-Muniz avança a tese de que o Brasil tem um sistema de ‘apartheid social’ que mantém e sustenta a segregação (visível na falta de igualdade política) ao mesmo tempo que constrói uma narrativa de ‘apoio popular’ às teses neoliberais contrárias ao ideal igualitário implícito nos paradigmas democráticos contemporâneos. A exposição do paradoxo, captado pela expressão “povo impopular” orienta as camadas de argumentação do artigo, obrigando o leitor a rever suas próprias concepções de democracia, inclusão, povo, cidadania, igualdade e opinião pública.

Rui Pereira Gomes contribui para a exploração desse outro olhar sobre a condição da democracia brasileira, a partir de uma reflexão sobre o real papel dos mecanismos participativos, nomeadamente o orçamento participativo, na estrutura geral do Estado burguês. Gomes defende que ao contrário do que a narrativa dominante propaga, a saber, que o orçamento participativo é um mecanismo de inclusão e participação significativa das massas populares e classes trabalhadoras, na verdade ele se reduz a um instrumento que perpetua a lógica de dominação, garantindo a materialização dos objetivos da classe dominante em detrimento dos dominados.

Luiz Raposo e Fransmar Costa Lima escrevem “São Manuel Bueno, mártir: o homem sacro em uma vida desprovida de fé e futuro”. Neste artigo, os autores analisam

a novela de Miguel de Unamuno “São Manuel Bueno, mártir”. Através de uma leitura crítica deste trabalho de ficção, Raposo e Costa Lima identificam os fios condutores da narrativa de crucial importância filosófica, como por exemplo a questão do suicídio, o porquê de existir e a existência de Deus.

No artigo intitulado “A dialética d’*O Capital* enquanto crítica ao Idealismo” Viviane Fernandes oferece uma reflexão acerca da relação de Marx com o idealismo hegeliano. Para isso, a autora concentra-se na questão do começo científico em Marx, contrapondo-se à *Ciência da Lógica* de Hegel. Logo de seguida Ricardo Pereira de Melo contribui com a tradução da resenha do volume 1 de *O Capital* para a Revista “Die Zukunft” de Friedrich Engels. Como Ricardo Pereira de Melo bem nota, esta é a primeira de nove resenhas publicadas por Engels sobre a primeira edição de 1867 do livro I de *O Capital* de Marx. A resenha é publicada numa revista ‘democrático-burguesa’ sem assinatura, e visava despertar a curiosidade da academia alemã sobre a obra de Marx.

Hyury Pinheiro, por sua vez, traduz um outro texto de Engels, intitulado “Como não traduzir Marx”. Ambas as contribuições são de enorme valia para a ampliação de bibliografia de Engels na língua portuguesa.

Este número da *Eleutheria* termina com uma resenha de Carlos Prado do mais recente livro de Jadir Antunes, dedicado ao tema “Marx e o fetiche da mercadoria: contribuição à crítica da metafísica”.

Votos de uma excelente leitura!